

POSSIBILIDADES DE LEITURA DO CURTA-METRAGEM: “OS FANTÁSTICOS LIVROS VOADORES DE MODESTO MÁXIMO” E A QUESTÃO DO ENSINO

POSIBILIDADES DE LECTURA DEL CORTOMETRAJE: “LOS FANTÁSTICOS LIBROS VOLADORES DE MODESTO MAXIMUM” Y LA CUESTIÓN DE ENSEÑAR

Alcinei Antonio Peres 1
Jeize de Fátima Batista 2

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo, numa posição discursiva, a partir da Análise de Discurso compreender gestos de interpretação possibilitando novas experiências e perspectivas com relação à linguagem audiovisual com o uso do curta-metragem “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo” de Willian Joyce, valorizando os aspectos culturais e ideológicos. Nesse contexto, utilizaremos a teoria da Análise de Discurso de linha francesa para entender como funciona esse processo de construção do texto no curta-metragem. Para essa representação, foi traçado um viés teórico-conceitual dos estudos discursivos de Pêcheux (1990), Orlandi (1996), Coraccini (1995) e Indursky (2001). Dessa forma, norteado pelo viés teórico da Análise de Discurso, o corpus é constituído por recortes de imagens por meio das quais se pretende analisar uma das suas múltiplas significações na construção e produção de efeitos de sentidos. A partir da análise discursiva realizada, buscamos compreender se o curta-metragem é uma ferramenta que pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem do sujeito, desenvolvendo habilidades de leitura interpretativa e crítica ou é apenas um material de entretenimento, que deixa escapar, pela linguagem, seu posicionamento no discurso.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Curta-metragem. Efeitos de Sentido.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo, en una posición discursiva, a partir del Análisis de Discurso comprender gestos de interpretación possibilitando nuevas experiencias y perspectivas con relación al lenguaje audiovisual con el uso del cortometraje “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo” del Willian Joyce, valorizando los aspectos culturales e ideológicos. En este contexto, utilizaremos la teoría del Análisis de Discurso de línea francesa para entender cómo funciona ese proceso de construcción del texto en el cortometraje. Para esa representación, se trazó un sesgo teórico-conceptual de los estudios discursivos de Pêcheux (1990), Orlandi (1996), Coraccini (1995) e Indursky (2001). De esta forma, orientado por el sesgo teórico del Análisis de Discurso, el corpus está constituído por recortes de imágenes por medio de las cuales se pretende analizar una de sus múltiples significaciones en la construcción y producción de efectos de sentidos. A partir del análisis discursivo realizado, buscamos comprender si el cortometraje es una herramienta que puede auxiliar en el proceso de enseñanza-aprendizaje del sujeto, desarrollando habilidades de lectura interpretativa y crítica o es sólo un material de entretenimiento, que deja escapar, por el lenguaje, su posición en el discurso.

Palabras clave: Análisis de Discurso. Cortometraje. Efectos de Sentido.

Graduação em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8613406896595240>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2979-5172>.
E-mail: alcinei.peres@gmail.com

Doutora em Letras. Professora de Língua Portuguesa e Práticas de Ensino da UFFS- Campus de Cerro Largo, líder do Grupo de Pesquisa GEPETEC. 2
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8389324347885251>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1301-050X>.
E-mail: jeize.batista@uffs.edu.br

Introdução

Tendo em vista a questão da formação ideológica no processo discursivo e de produção de sentidos, este trabalho move-se com base na linguagem audiovisual, pois a comunicação é um fenômeno que interage com os sons e as palavras apresentando uma articulação visual, permitindo, assim, uma forma de leitura que se constitui a partir de diferentes recursos e pode ser um material riquíssimo enquanto ferramenta de ensino (ECO, 1970).

Primeiramente, é importante compreender que a utilização de novos conhecimentos e concepções em relação à linguagem audiovisual, neste estudo, no curta-metragem, se revela como um viés discursivo, possibilitando “novas maneiras de ler, outros gestos de leitura, outra escuta, [...] mostrando como os sentidos estão sendo produzidos e as posições sujeito se constituindo na relação do simbólico com o político” (ORLANDI, 2010, p. 28). Portanto, a importância de trabalhar com um curta-metragem está na produção de movimentos de sentidos metodológicos e pedagógicos, ou seja, com as relações simbolizadas para descrição e interpretação de sentidos para a educação.

Este estudo tem como objetivo compreender, na leitura, gestos de interpretação possibilitando novas experiências e perspectivas com relação à linguagem audiovisual, com o uso do curta-metragem “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”, de Willian Joyce, valorizando os aspectos culturais e ideológicos, com o uso das linguagens do discurso, para o sistema de ensino básico.

Assim, este trabalho é importante para entender e compreender o processo de leitura como sendo um instrumento para “observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2001, p. 17), na utilização e análise do curta-metragem numa nova perspectiva de ensino com a realidade tecnológica, levantando questionamentos direcionados à interatividade educacional para contribuir com as circunstâncias comunicativas na educação básica.

O estudo dar-se-á a partir de uma investigação sob a perspectiva da teoria da Análise de Discurso de linha francesa, pelo viés teórico-conceitual dos estudos discursivos de Pêcheux (1990), Orlandi (1996), Coracini (1995) e Indursky (2001). Considerando a historiografia dos curtas-metragens, partimos também da representação da leitura (imagens e cores), juntamente com o estudo analítico do curta “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”.

O estudo se constitui das seguintes etapas: no primeiro capítulo busca-se situar o leitor aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD), bem como para a compreensão e o desenvolvimento da análise proposta. No segundo capítulo, mostra-se o curta-metragem como uma ferramenta de leitura e a linguagem audiovisual. No capítulo terceiro, realiza-se um estudo sobre o curta-metragem “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo” através da descrição e análise, revelando aspectos importantes no que se refere à questão da leitura.

Perspectiva Teórica: Análise de Discurso (AD)

A Análise de Discurso (AD), da chamada escola francesa, é uma teoria formulada por Michel Pêcheux que surgiu na conjuntura no ano de 1969, com a publicação intitulada *Análise Automática do Discurso* (AAD), bem como o lançamento da importante revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, “[...] que preside sobre a relação entre locutores como relação de estímulo e resposta em que alguém toma a palavra, transmite uma mensagem a propósito de um referente, baseando-se em um código que seria a língua” (ORLANDI, 2010, p. 14) na qual o sujeito se constrói ao estabelecer relações entre a linguagem e o mundo.

Além disso, AD deve ser estudada não só em relação ao seu sistema interno, mas também, conforme Pêcheux, considerar “a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem” (ORLANDI, 2005, p. 11), principalmente sobre a questão dos instrumentos na construção do conhecimento.

Então, em sua constituição, a AD demonstra um quadro epistemológico que visa três regiões do conhecimento ao processo de produção da linguagem, pois busca articular o processo de produção e as condições em que é produzido sistematicamente. Conforme a autora Orlandi (2012), observamos que:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações.
2. A lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (ORLANDI, 2012, p. 24).

Também, nesse mesmo sentido, Pêcheux e Fuchs explicitam que “estas três regiões, são de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX & FUCHS, 1975, p. 164), que retoma os sentidos preexistentes como uma ilusão discursiva do sujeito.

Desse modo, a AD traz de outras áreas do conhecimento, alguns conceitos como da psicanálise, do marxismo, da lingüística e do materialismo histórico, para constituir “um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso” (ORLANDI, 2001, p. 20).

Portanto o discurso em seu sentido amplo é o efeito de sentido entre locutores, ou seja, “é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2001, p. 17), em certas condições de produção.

Nessa concepção, uma das condições de produção inclui o sujeito leitor, que assume uma posição discursiva em relação às diferentes maneiras de interlocução, a partir de uma formação discursiva, ou seja, a partir do que pode e deve ser dito em uma situação dada pela sua conjuntura sócio-histórica. Para isso, deve haver um elo constitutivo entre o dizer e a sua exterioridade sócio ideológica, procurando constituir o sentido da sequência verbal para ser produzida como um reflexo objetivo de seu conhecimento através da realidade (ORLANDI, 2012).

Quando o sujeito leitor, agente das práticas sociais fala, ele está interpretando e atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas do discurso. Mas ele o faz como se os sentidos discursivos estivessem nas palavras e, então, apagam-se suas condições de produção, desaparece o modo pelo qual a exterioridade o constitui, e a interpretação aparece como transparência, como o sentido já-lá, caracterizando a formação ideológica como um trabalho da memória e do esquecimento.

Neste caso o sujeito é assujeitado por algo que não lhe é inerente, mas que vem de fora, de uma exterioridade, de um outro, concebido como ideologia. De acordo com Brandão (1995), o assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo, sem que ele tome consciência, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade, sendo levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos e classes de uma determinada formação social.

Com base nisso, as primeiras teses entre o discurso e ideologia, é entendida como o que pode e deve ser dito pelo sujeito, segundo Pêcheux & Fuchs (1990), estes entendem que

[...] se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico (PÊCHEUX & FUCHS, 1990, p.166-167).

Desse modo, podemos pensar que a ideologia ocorre pela materialidade do discurso e a língua como sendo esta materialidade específica do discurso, em que ambas afetam de alguma maneira a constituição do sujeito e do sentido, pois determina o que é articulado pelas formações ideológicas.

Assim, o sujeito estabelece seu lugar na sociedade de maneira entrelaçada correspondendo a uma parte da significação, e para isso parte das condições de sua produção, percebendo como unidade de domínio o texto que é “definido pragmaticamente como a unidade complexa [...] no processo de interação” (ORLANDI, 2012, p. 28), estabelecendo uma situação discursiva num contexto mais amplo na interlocução da ideologia.

Para a AD, o texto se constitui pela sua exterioridade (intertextualidade, interdiscurso e o contexto,) como atividade de seu funcionamento das várias formações discursivas, correspondendo a diversas realidades ou posições do sujeito. Segundo Indursky (2001), o texto organiza-se internamente por elementos provenientes da exterioridade em relação com a discursividade para produzir o efeito de sentidos.

Cabe aqui, retomar, novamente, um fator importante que está ligado à exterioridade em que o texto se constitui, ou seja, a intertextualidade na qual se relaciona um texto com outros textos. Com efeito, entende-se a releitura que um texto faz de outro texto, dele apropriando-se para transformá-lo e/ou assimilá-lo. Assim, a intertextualidade aproxima o texto de outros discursos, remetendo-o a redes de formulações tais que já não é possível distinguir o que foi produzido no texto e o que é proveniente do interdiscurso. Outro aspecto, o contexto que é uma situação histórico-social de um texto, envolvendo não somente as instituições humanas, como também outros textos que sejam produzidos em volta e com ele se relacionem. Pode-se dizer que “o contexto é a moldura de um texto” (REIS, 2010, p. 79). O contexto envolve elementos tanto da realidade do autor quanto do receptor — e a análise destes elementos ajuda a determinar o sentido. A interpretação de um texto deve de imediato, saber que há um autor, um sujeito com determinada identidade social e histórica e, a partir disto, situar o discurso como compartilhando desta identidade.

Portanto, a interpretação de um texto é a manifestação da linguagem de maneira crítica em conjunto complexo das condições de formações específicas que intervêm da história e da ideologia que busca “explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentido, o que resulta em saber que o sentido sempre pode ser outro [...] e, quando o sujeito fala, ele está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas” (ORLANDI, 1996, p. 64).

Nesta visão, estabelece-se na AD a relação do sujeito com a textualização do discurso em compreender a interpretação pela prática da leitura, através do seu olhar pela opacidade (materialidade) do texto, tendo em vista o discernimento do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz, como sendo um espaço virtual explícito de leitura para justificar a relação de interpretação pelo enunciado (ORLANDI, 2010). Em suma, podemos perceber que, para produzir a leitura e constituir sentidos, o sujeito leitor tem que estar exposto ao texto de uma forma que possa interagir e se manifestar enquanto sujeito.

Também, Coracini (1995) afirma não ser o texto que determina as leituras, mas o sujeito, enquanto participante de uma determinada formação discursiva, sujeito clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, no qual se inscreve o discurso. Portanto, nessa visão de sujeito a construção da realidade corresponde às representações socialmente construídas e transmitidas pelo já-dito que torna possível todo o dizer através da produção do sentido (CORACINI, 1995).

Desse modo, o funcionamento da AD através da leitura é o resultante do entrelaçamento de várias composições do discurso pelo texto que,

deve passar pelo crivo das condições de produção, isto é, pelo imaginário discursivo – imagens que perpassam o discurso: imagens que os interlocutores fazem de si e do outro, a partir do lugar que ocupam no contexto histórico-social. Essas imagens constituem o discurso, o qual, por sua vez, é

constituído por elas (MASCIA, 2005, p. 50).

Sendo assim, a AD permite trabalhar com a posição crítica em relação pelo o que pode e deve ser dito no processo de produção de sentidos e dos sujeitos. Portanto, assim entendemos que o curta-metragem sob uma perspectiva discursiva, poderá revelar aspectos importantes no que se refere à questão da leitura permitindo uma reflexão simbólica dos fatos.

Curta-Metragem uma Ferramenta de Leitura

O curta-metragem representa a valorização cultural e ideológica não necessitando de uma comunicação verbal de seus elementos visuais diante de um fato, uma vez que esses são suficientes para produzirem sentidos em seu processo de leitura na formação do sujeito, já que enfatiza o uso discursivo nos momentos de reflexão e produção de textos não só escritos, mas audiovisuais também (ALCÂNTARA, 2014).

Assim, o curta-metragem é, para todos os efeitos, um filme, uma forma breve de expressão audiovisual, com início, fim, unidade temática e com uma altíssima coerência e coesão interna (NATIVIDADE, 2014), que costuma ter uma duração de aproximadamente 15 a 30 minutos. De maneira que, de uma forma breve expõe o personagem e conta uma história de maneira intensa capaz de mudar movimentos e comportamentos sociais. Como se vê, a referida linguagem audiovisual “é um momento curto em que o público quer saber o que vai acontecer no segundo seguinte, mesmo que nesse espaço de tempo efêmero o personagem tenha passado por uma vida inteira” (MOLETTA, 2009, p. 17).

Como se pode observar, o curta-metragem é resultante do entrelaçamento de várias composições do discurso que o sujeito predetermina no ato da leitura, desta forma o curta constitui diversas realidades ou posições enquanto objeto linguístico-histórico e ideológico.

Esta noção busca compreender que a leitura do curta é um ato individual por apropriar-se de um olhar definido com perspectivas formalizadas através “de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não” (CORACINI, 2005, p. 19). Dessa maneira, o indivíduo projeta, intenciona ou objetiva tal contexto no ato de ler por estar inserido num momento (tempo) e espaço (lugar).

Portanto, a leitura exerce uma influência de interação didática através da elaboração de sentidos, em relação à espera da resposta daquele que lê criticamente, segundo Bakhtin (2007, p. 298), o curta-metragem “[...] busca exercer uma influência didática sobre o leitor, suscitar uma apreciação crítica”. Assim, a interação entre texto/leitor/mundo, sobretudo, compreende a possibilidade de o leitor ler um mesmo curta de várias maneiras no processo de significação que o ato da leitura estabelece (ORLANDI, 2012).

De acordo com o ato interacionista¹, é fundamental determinar que cada leitura é um olhar sobre o objeto, através das abordagens de acordo com suas concepções que se encontram de forma permanente e inseparável do sujeito atrelados de qualquer condição em descobrir e desvendar o sentido como instrumento de comunicação. Por isso, a interação pela construção de sentidos constitui um processo em que o autor da obra ou texto deixa intenções e marcas para serem seguidas pelo sujeito/leitor, permitindo a construção de sentido, bem como a compreensão no ato da leitura, as quais se vinculam ao sujeito leitor enquanto ser individual (CORACINI, 2005).

É preciso lembrar que, no caso que nos interessa aqui, é a leitura no surgimento de uma nova linguagem num processo audiovisual, constituindo o curta-metragem por meio de imagens, movimentos e sonoridades. Nesse sentido, o “EU” leitor poderá constituir caminhos para interpretar esta linguagem cinematográfica, com uma visão discursiva e subjetiva refletindo o momento histórico e cultural em que está inserido, pois os caminhos da leitura não são controlados e previsíveis (CORACINI, 2005).

Embora se considere, nesta perspectiva teórica da AD, o processo de leitura no curta-metragem proveniente das imagens em movimento, enfatiza que o sujeito-leitor, ao produzir

¹ Ato interacionista – Neste caso não está atrelado aos estudos sociolinguísticos, mas em apresentar e compreender seu posicionamento no discurso.

leituras, o faz determinado pelo imaginário do lugar social em que se inscreve, pois, de acordo com Duarte (2002),

(...) a maior parte de nós aprende a ver filmes pela experiência (...) e conversando com outros espectadores. (...) Mas isso não significa que devamos deixar o conhecimento cinematográfico para os especialistas. Ao contrário, conhecer os sistemas de significados de que o cinema utiliza para dar sentido às suas narrativas aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes (DUARTE, 2002, p. 38).

Desse modo, o curta-metragem é um sistema de significados de persuasão em um ato argumentativo da leitura, para buscar que o sujeito/leitor responda uma organização persuasiva da linguagem na qual se pretende provocar uma reação de sentido a este telespectador-leitor. Além disso, trata de uma representação da leitura subjetiva no curta-metragem, com suas mensagens para que ocorra uma análise do diálogo entre as várias formas de apropriação de ideias ao seu discurso (NAGAMINI, 2000).

Esta apropriação de ideias ocorrerá através da representação da leitura interpretativa do curta-metragem “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”, visto que o personagem se destaca em uma situação de subjetividade com elementos discursivos, na medida em que é sustentado pelos diferentes modos da relação linguagem/mundo pela problemática social em promover através dos livros o reencantamento pela vida.

Linguagem Audiovisual

A linguagem audiovisual é determinada pelo conjunto de forma que está baseado na junção do som e das imagens em movimentos, determinando as posições ideológicas do sujeito através da significação pelas condições de produção. Portanto, está diretamente ligada à realidade entre tempo e espaço, juntos e separados, constituindo o discurso, o qual afetado por formações discursivas, que indicam o que pode e deve, ou não, ser dito em certas condições (ORLANDI, 2001). Além disso, o discurso é ancorado em já-ditos para produzir sentidos, ou seja, é constituído por uma memória discursiva, a qual se refere ao fato de que, de acordo com a autora Orlandi (2010, p. 21), “algo fala antes, em outro lugar e independentemente [...] pelo já dito que constitui todo dizer”.

Nesse sentido, a significação da linguagem audiovisual utiliza-se do som que busca captar o sentido e as emoções dos personagens. No curta-metragem, “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”, o som é constituído pela diversidade de músicas que estão inseridas como pano de fundo para ajudar na compreensão e produzir o efeito de sentidos, em que não há diálogos verbais pela conversa ou da fala das personagens (MARTIN, 2003).

Ainda, a significação das imagens em movimentos, representam as diferentes materialidades a partir de uma ordem sequencial, nas quais ocorrem os jogos discursivos, considerando o contexto histórico-social de produção com a finalidade de compreender e identificar as relações de sentidos que ocorrem. Conforme ressalta Rosa (2016, p. 51), “as imagens e sua leitura em diferentes condições de produção implica fazer-nos estrangeiros aos discursos e sentidos já-dados, na medida em que é preciso vê-los e ouvi-los além ou aquém das evidências”.

Por isso, a linguagem audiovisual produz um discurso, o qual não será somente constituído por uma base linguística, mas também por sons e imagens. Por meio dessa especificidade que envolve o discurso do curta-metragem, devemos igualmente considerar que o mesmo é histórico e ideológico e isso faz com que produza sentidos que afetam a “própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer” (ORLANDI, 2010, p. 38).

A partir disso, o estudo audiovisual é marcado pela aceleração tecnológica que tem como causa e consequência o uso de diferentes abordagens, tratando-se de uma nova forma

de compreender e refletir as ideologias. Enfim, o curta-metragem corresponde a uma forma de contar histórias, com base de um espaço-tempo representado através de imagens, sons e discursos que produzem sentidos, conforme veremos no capítulo a seguir.

O Curta-Metragem “Os Fantásticos Livros Voadores De Modesto Máximo”: Descrição e Análise

“... as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas...” (PÊCHEUX, 1990, p. 160).

“Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo²”, foi inspirado na vida de William Morris, é um filme de animação em curta-metragem produzido nos Estados Unidos, em 2011. Dirigido e escrito por William Joyce e Brandon Oldenburg, vencedor do Oscar de melhor curta de animação em 2012.

O curta-metragem será representado por recortes de imagens³ para analisar o seu contexto, bem como as condições de produção, estabelecendo relações de sentido, a partir do jogo discursivo que o sustenta. De acordo com Pêcheux (1990, p. 82), “existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações)”. Assim, as imagens, para nós, são tratadas como discursos, as quais são determinadas por condições de produção.

Segundo Orlandi (2001), condições de produção em sentido amplo propõe pensar as possibilidades de leitura ao contexto sócio-histórico, ideológico, já que estabelece relações com o contexto, com outros textos e com outros discursos, que se abre enquanto objeto simbólico, para as diferentes possibilidades de leituras. São essas condições que implicam o mecanismo imaginário quanto à posição sujeito que resulta nas formações imaginárias por meio da leitura, pois, conforme vimos no capítulo 1, o entrelaçamento das várias composições do discurso deve

passar pelo crivo das condições de produção, isto é, pelo imaginário discursivo – imagens que perpassam o discurso: imagens que os interlocutores fazem de si e do outro, a partir do lugar que ocupam no contexto histórico-social. Essas imagens constituem o discurso, o qual, por sua vez, é constituído por elas (MASCIA, 2005, p. 50).

Partindo disso, o referido curta metragem nos leva a refletir sobre uma das possibilidades de leitura num espaço discursivo, na tentativa de compreender a produção discursiva e seus efeitos de sentido. Dessa forma, alguns sentidos ou efeitos de sentidos se consolidam no decorrer do tempo, e são evidenciados por um dado momento histórico-social, pela relação entre línguas e culturas (CORACINI, 2009). Desta forma, abordaremos alguns trechos do curta-metragem com o propósito de problematizar as condições de produção que constituem as imagens, visto que elas também representam discursos sócio-histórico-culturalmente determinados e ideológicos (ROSA, 2016). Vejamos na figura 1:

2 Modesto Máximo se chama Morris Lessmore no original em inglês.

3 As imagens ilustradas têm a importância de ajudar na visualização sobre as análises retiradas do livro “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”, editora Rocco, 2012. Portanto, houve critérios específicos para as suas escolhas na tentativa de compreender a produção discursiva e seus efeitos de sentido.

Figura 1



Fonte: <https://www.saraiva.com.br/fantasticos-livros-voadores-de-modesto-maximo-4269846.html>. Acesso em 18 Março 2018.

O *corpus* aqui analisado, na primeira imagem, é composto pela representação da capa do livro em referência ao curta-metragem, apresentando a seguinte sequência discursiva “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”, abrindo espaços para liberdade do sujeito/leitor, a partir de sua formação enquanto sujeito sócio-histórico e ideológico, fantasiar, criar e idealizar essa representação de livros voadores. Assim, o discurso em análise produz efeitos de sentido que correspondem às diferentes posições do sujeito leitor em que nos leva a pensar a relação entre texto/discurso e sujeito/autor (ORLANDI, 1996).

É importante ressaltar ao personagem “Modesto Máximo” o qual, como podemos observar pela imagem, demonstra a vida de um jovem escritor, na qual sua vida era um livro escrito por ele mesmo, uma página organizada depois da outra (JOYCE, 2012), estando sempre sentado na varanda de sua casa. Desse modo, essa “organização” da vida é rompida por uma situação anormal e o jovem escritor começa a vivenciar uma experiência única vislumbrando livros a voar diante de seus olhos. Ao analisar este fato, podemos perceber uma resignificação do sujeito personagem, sobre o que já foi dito, dos vários discursos que o constituíram enquanto escritor, agora o leva para um novo mundo, no qual ele vai se deparar com novos personagens, novas histórias em que ele fará parte.

Tudo inicia quando o céu começa a escurecer repentinamente e um vendaval transforma-se em um furacão, que vai arrastando toda a cidade. Nesse momento, encontrava-se Modesto Máximo na varanda registrando em seu livro suas alegrias, tristezas e esperanças. Porém, com a tempestade, as palavras do seu livro começam a ser levadas pelo vento ocasionando um acontecimento que aponta para outros dizeres da história, na qual o mundo como conhecia já não era mais o mesmo devido à tempestade ter devastado tudo aquilo que o cercava.

Figura 2



Fonte: <http://www.ashlandfilm.org/FilmDetails.asp?View=Film&FilmID=690>. Acesso em 21 de Março 2018.

Após a passagem da tempestade, verifica-se de imediato a representação do jovem Modesto sentado, com um olhar que aponta para o seu livro em branco, como se sua história já não existisse mais, tivesse se perdido com o vento. Sua casa estava de cabeça para baixo e seu mundo todo destruído e sem cores, constituindo assim um conflito de discursos, pois tudo que Modesto sabia e conhecia havia se perdido. Teria que começar uma nova história na qual continua a ser escrito num universo paralelo, um mundo de livros.

Podemos vincular essa resignificação observada na narrativa do curta com outras histórias fantásticas, como é o caso da “Alice – no País das Maravilhas”, no nosso caso, o personagem acorda no país dos livros encantados. Isso tem a ver com o fato de que todo discurso é constituído pelo interdiscurso.

Assim, o personagem não sabia o que fazer naquele momento e nem para onde pudesse ir, levanta, pega seu livro com as páginas em branco e começa a caminhar sem rumo até que algo inusitado acontece e o surpreende.

Figura 3



Fonte: <http://cirandamaterna.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de Março 2018.

Modesto, ao olhar para o alto, visualizou uma linda menina que, num mundo sem cores, iluminava o céu com seu colorido, sendo levada por vários livros voadores, o vestido dela além de ser branco possuía várias letras e levava consigo um livro aberto e cheio de vida (representado pelas características de seres animados).

Por outro lado, a menina entendendo que Modesto estava perdido, compreende que ele precisa de uma nova história e acaba lhe presenteando com o livro que estava carregan-

do em seu braço. O livro (representado por uma imagem com vida “o ovo” conhecido como Humpty Dumpty, que em um nível interdiscursivo o curta retoma o texto da obra literária Gato de Botas) convidou Modesto a segui-lo para conhecer um novo mundo. Modesto aceita o convite do livro e começa a acompanhá-lo. Chegando ao local em que foi levado, Modesto fica espantado: está num universo de livros voadores e ouve histórias sendo murmuradas por eles, várias ao mesmo tempo.

Pensando a relação discursiva produzida pela imagem, de que todo discurso é constituído pelo interdiscurso, podemos analisar que, quando a menina é levada por vários livros, podemos vincular essa ressignificação com filme UP-Altas Aventuras, em razão de um senhor morar numa casa e ser levado por balões.

No decorrer da descrição, Modesto assume uma nova história de vida ao acompanhar o livro, na qual permite ele traçar um percurso social que se materializa quando chega a este local extraordinário, uma vez que ali vivem vários livros voadores que cochicham e murmuram suas histórias, originando-se, assim, uma cadeia referencial que vai permanecer em foco durante o curta-metragem.

Figura 4



Fonte: <http://esconderijos.com.br/os-fantasticos-livros-voadores-de-modesto-maximo-e-as-esperancas/>. Acesso em 21 de Março 2018.

Em seguida, o livro (conforme citado anteriormente, pela representação de um ovo), voa em sua direção, aberto, na expectativa de ser lido e, assim, fazer com que Modesto compreendesse o funcionamento deste novo local. Portanto, ele vira bibliotecário e, ao seu redor, os livros passam a lhe proporcionar uma nova vida, na qual tem como tarefa cuidar dos livros e restaurar delicadamente as encadernações de uns e desamassar os cantos dobrados das páginas de outros.

Modesto, assim, ajuda os livros em suas jornadas de voar para qualquer lugar, representando que a leitura pode levar o sujeito-leitor para qualquer universo, espaço ou tempo. Por outro lado, os livros também recebem a missão de cuidar dele, fazendo-o viajar através da leitura por diferentes histórias, tanto que, por diversas vezes, Modesto ficava ausente por dias, uma vez que estava voando dentro das histórias dos livros.

Na relação discursiva, se constata que, no curta, o espaço apresentado produz uma nova interpelação ideológica no sujeito personagem, porque, quando Modesto vira bibliotecário, tem o compromisso de cuidar dos livros e os livros a incumbência de cuidar dele em troca. Como resultado desta troca, faz com que estes desempenhem um papel mediador aos acontecimentos que estão ocorrendo no curta, sendo ele histórico e social. Conseqüentemente ocorre um efeito de sentido sobre as vivências de Modesto e dos livros pelas condições específicas do próprio lugar que estão situados. Outro fator que cabe destacar é a importância dessa relação sujeito-história em que um modifica e interpela o outro numa cadeia de constituição e construção de sentidos.

Figura 5



Fonte: <http://cirandamaterna.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de Março 2018.

Modesto, neste lugar, além de cuidar dos livros da biblioteca, gostava também de compartilhá-los com as pessoas. Ele buscava distribuir a cada pessoa um livro contendo uma história diferente. As pessoas, representadas pelas cores preta/branca (sem vida, sem sentido, sem colorido), ao receber o livro, abri-lo e iniciar a lê-lo, passavam a se constituir de diferentes cores e na medida em que liam, as cores iam aumentando e ficando mais vibrantes (mostrando vida).

Assim, este efeito de sentido das cores funciona como uma intervenção no mundo do curta, visto que a leitura contribui significativamente na realidade dos sujeitos, que ao receberem o livro e iniciar o processo de leitura, começam a assumir outras posições sujeito, em uma nova condição de produção em que o discurso se produz. Enfim, esta leitura dos livros pelas pessoas é um processo que transmite diferentes representações em sua forma discursiva, na qual se atribui sentidos a partir do funcionamento da linguagem.

Figura 6



Fonte: <http://biafor.blogspot.com.br/2012/03/fantastic-flying-books-of-mr-morris.html>. Acesso em 21 de Março 2018.

No decorrer do curta-metragem, Modesto volta a escrever em seu próprio livro, contando suas alegrias e tristezas, tudo o que conhecia e todas as suas expectativas. Mas os anos foram passando e ele acaba se tornando um senhor já velho pela idade, porém os livros permanecem lá como sempre estiveram, uns mais usados e outros novos, alguns com histórias que acabaram de ser inventadas e outros carregando histórias antigas, mas sempre estando junto com ele nesta biblioteca extraordinária.

Entretanto, um dia ele completou a última página de seu próprio livro, olhou para o seu

amigo de tantos anos e em tom de despedida avisou que chegara a hora de seguir em frente. Pôs seu chapéu, pegou a sua bengala, aproximou-se da porta e, num passe de mágica (advinda daquele lugar), Modesto retoma sua aparência jovem novamente, assim como no dia em que chegou nesse universo fascinante. Após, Modesto voa, sendo levado pelos livros voadores, assim como no início da história, quando foi presenteado pela menina que havia transformado a sua vida. Ele vai e deixa seu livro que no momento de sua partida, passa a assumir vida própria.

Segundo a Análise de Discurso, o personagem Modesto é constituído por relações de um espaço e tempo ao voltar à aparência jovial. Como se dentro dele, as diferentes vozes que o constituíram durante toda a vida, os mundos, as histórias, os lugares pelos quais passou e viveu com os livros, o ajudassem a permanecer vivo, forte e eternamente jovem.

Já o livro escrito por ele é o resultado da sua existência pela materialidade do espaço vivido e dividido com os livros voadores através dos seus gestos de significação. Assim, Modesto se torna imortal, a vida do livro, toma o lugar da sua e dá continuidade a sua existência.

Figura 7



Fonte: <http://www.emcadapagina.com/2015/02/resenha-os-fantasticos-livros-voadores.html>. Acesso em 21 de Março 2018.

Depois da partida de Modesto, a história continua com a chegada de uma garotinha, que, ao vislumbrar as maravilhas desse novo lugar, fica encantada. O livro, escrito por Modesto, recebe a menina e abre suas páginas para que ela possa embarcar e viajar nas histórias. Desse jeito, Modesto permanece vivo nas vozes de suas histórias.

Outro aspecto a se considerar em relação ao interdiscurso é que, uma vez que se constitui na interação entre uma nova personagem, aqui representada por uma pequena menina e o livro escrito na biblioteca por Modesto, esse mecanismo retoma um mesmo começo não havendo um ponto final nesse encadeamento com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. Portanto, o curta termina como começou produzindo em seu ouvinte um efeito a contar do momento em que livro aberto aponta para outros dizeres, mas ancorados em já-ditos.

Desse modo, o efeito a partir de outros dizeres nos envolve de tal forma que somos convidados a perceber que essa história também é nossa, sobretudo, em assumir uma memória discursiva sobre o que foi “produzido a partir de outros que os antecederam e que serão por eles substituídos. Qualquer entendimento novo sobre algo, sempre parte do entendimento anterior – eis aí a noção de devir histórico” (MAIA, 2015, p.16).

Assim, o curta-metragem proporcionou, por meio da Análise de Discurso, refletir acerca das relações possíveis que envolvem os sentidos produzidos por meio das imagens, cores, situações, posições-sujeito, contexto e interdiscurso. Por ser uma forma de ler os ditos e não-ditos, compreender os efeitos de sentido, por meio das formações ideológicas e discursivas presentes no discurso.

Desse modo, pensa-se esse tipo de análise como uma ferramenta valiosa para interpeleção e constituição de sujeitos críticos e como uma metodologia de trabalho que pode e deve ser realizada em sala de aula com alunos de Educação Básica, levando-os a fazer relações,

questionar, analisar e ir além dos ditos no processo discursivo.

Considerações Finais

O objeto de estudo deste trabalho foi promover, a partir da leitura, com base numa perspectiva discursiva, novas experiências e perspectivas com relação à linguagem audiovisual com o uso do curta-metragem “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo” de Willian Joyce. O “Livro” representado pela figura (com características humanas) amiga, companheira, produz no sujeito sentidos institucionalizados, cristalizados e legitimados, por meio de uma fantástica aventura como uma lição de vida.

Cabe destacar, também, que a Análise de Discurso de linha francesa permitiu a produção de leitura por meio de ditos e não ditos, discursos e interdiscursos, formações ideológicas, sentidos, posições sujeito, contextos e condições de produção utilizados no curta-metragem, pois é uma teoria que luta contra qualquer forma de cristalização do conhecimento e busca trabalhar com o processo de produção dos sentidos e constituição dos sujeitos.

Por isso, a Análise de Discurso considera que a interpretação tem a ver com a questão das formações ideológicas, com o objetivo de verificar outras maneiras de ler “colocando o dito em relação ao não dito, em relação ao dito em outro lugar, de outras maneiras” (ORLANDI, 2012, p. 62). Portanto, o discurso representa esta transparência de sentidos sobre as condições de produção na qual ocorre pelo processo ideológico e sócio-histórico.

Enfim, a partir da análise discursiva realizada no curta-metragem, o processo de constituição dos sentidos resulta das relações, ou seja, um discurso aponta para outros que o sustentam. Assim sendo, a AD possibilitou uma leitura através de novas experiências e perspectivas com relação à linguagem audiovisual com o uso do curta-metragem, para a valorização cultural e ideológica ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, cabe destacar que a educação básica

deve oferecer aos seus alunos elementos para que discutam as condições de produção dos diversos discursos, para que as questionem, de modo que outros sentidos, também históricos, sejam evidenciados, e eles se desloquem e ocupem outra posição-sujeito. Para a AD, o deslocamento está na possibilidade de produzir efeitos de sentido diferentes daqueles estabilizados em seu grupo social (BOLOGNINI, 2009, p. 44).

Com isto, o curta apresenta discursos que podem e devem ser analisados na educação básica, possibilitando uma leitura ideológica, social, histórica, nas relações com o interdiscurso, abrindo espaço para diversas interpretações sobre o jogo discursivo e o envolvente universo da comunicação humana na constituição do sujeito e dos sentidos.

Enfim, propomos demonstrar à importância de trabalhar com os curtas-metragens na educação básica, como um diferencial para o professor nas propostas pedagógicas de ensino, reconhecendo os diferentes discursos que podem ser trabalhadas em sala de aula, ou seja, enfatizando as linguagens do discurso no sistema educacional e na formação do aluno enquanto sujeito.

Referências

ALCÂNTARA, Jean C. D. **Curta-metragem: gênero discursivo propiciador de práticas Multiletradas**. Cuiabá: UFMT, 2014. 138 f. :il. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/ec4c7c583edff3064bcee740132a9df4.pdf>. Acesso em 21 de Abril 2018.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOLOGNINI, Carmem Zink; PFEIFFER, Claudia; LAGAZZY, Suzy (orgs.). **Discurso e ensino: práticas de linguagem na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. (Série Discurso e Ensino).

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

CORACINI, M. J. R. F. **Concepções de leitura na pós-modernidade**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

CORACINI, M. J. R. F. **Leitura: Decodificação, processo discursivo...?** In: _____ (org). *O jogo discursivo na aula de leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

CORACINI, M. J. R. F. **Língua e efeitos de estranhamento: modos de (vi)ver o outro**. RBLA, Belo Horizonte, v.9, n.2, p. 475-498, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v9n2/06.pdf>. Acesso em 31 de Maio 2018.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

ECO, Humberto. **Sémiologie des messages visuels**. Revue Communications, n.15, 1970, p.41-48.

INDURSKY, Freda. **Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura** In: ERNST-PEREIRA, Aracy e FUNCK, Susana Bornéo (orgs). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.

JOYCE, William, (1957-). **Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo**. Tradução de Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2012.

MAIA, Carlos Alvarez, (1945-). **História, ciência e linguagem: o dilema do relativismo-realismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MASCIA, Márcia Ap. Amador. **Leitura: uma proposta discursivo-deconstrutivista**. In: LIMA, Regina C.C.P. *Leituras: múltiplos olhares*. (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. 3. ed. – São Paulo: Summus, 2009.

NAGAMINI, Eliana. **O discurso da publicidade no contexto escolar: a construção dos pequenos enredos**. In: CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. v. 6. São Paulo: Cortez, 2000.

NATIVIDADE, Claudia da. **Curta-metragem e a experimentação da linguagem**. 2014. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7399_CURTAMETRAGEM+E+A+EXPERIMENTACAO+DA+LINGUAGEM. Acesso em 13 de Março 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade** / Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni O.Orlandi (orgs.) – Campinas, SP: Pontes , 2ª edição, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**. Estudos da Língua (gem). Vitória da Conquista, n.1, p.9-13, junho de 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32465/17293>. Acesso em 25 de Maio 2018.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. (1975). **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, Françoise e HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. (p.163 a 253).

REIS, Adriana. **Fundamentos e Didática da Língua Portuguesa II**. Coleção Formando Educadores. Editora Nupre. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/PC/Downloads/modulo_disciplina.pdf. Acesso em 15 de Junho 2018.

ROSA, Marluza T. da. **Imagens não só ilustram, palavras não só descrevem: leitura e efeitos de sentido na tessitura verbo-imagética**. Uberlândia, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33644>. Acesso em 18 de Março 2018.

Recebido em 07 de julho de 2020.
Aceito em 23 de agosto de 2021.